

# TRAJETÓRIA DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UM PROFESSOR HOMEM NO MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE, MS<sup>1</sup>

Lucas de Oliveira Souza Mendes<sup>2</sup>

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo investigar a trajetória docente de um professor homem que lecionou no 4º e 5º ano do Ensino Fundamental em escolas públicas de Campo Grande, MS, e analisar como a produção científica dos últimos dez anos aborda essa temática. A pesquisa se justifica devido à baixa presença de professores homens na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, além da percepção conservadora na sociedade brasileira que enaltece a masculinidade e a feminilidade como dicotômicas. O estudo adotou uma abordagem qualitativa, utilizando revisão de literatura e entrevista semiestruturada como metodologias. A revisão de literatura foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, buscando identificar trabalhos correlatos no período de 2012 a 2022. A entrevista foi conduzida com um professor que atuou nos anos iniciais, e os dados obtidos foram analisados utilizando a Análise de Conteúdo de Bardin. A pesquisa contribui para compreender a trajetória dos professores homens nessa etapa de ensino e identificar lacunas na produção científica sobre o tema.

**Palavras-chave:** Trajetória docente. Professor homem. Séries Iniciais. Educação. Estereótipos de gênero.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo conhecer a trajetória docente de um professor homem que atuou nas séries iniciais do Ensino Fundamental, de escolas públicas de Campo Grande- MS, especificamente no 4º e 5º ano, procurando investigar as vivências, percepções e possíveis desafios apresentados em sua carreira docente. Objetiva ainda conhecer como a produção científica publicada nos últimos dez anos apresenta a temática proposta por meio de uma pesquisa bibliográfica do tipo Estado do Conhecimento.

O tema se tornou relevante após a realização dos Estágios Obrigatórios do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde foi observada a baixa presença de professores homens na Educação Infantil e Anos Iniciais. Neste sentido, dialogamos com Louro (1997) no sentido de que o magistério é historicamente uma profissão feminizada, principalmente nas Creches, Pré-escolas e nos Anos Iniciais do Ensino

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Pedagogia, sob orientação da Professora Dra. Luciene Cléa da Silva - Doutora em Educação (UFGD). Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: luciene.silva@ufms.br

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), E-mail: lucasmendesufms@gmail.com

Fundamental, áreas nas quais, segundo Silva (2017) mais de 90% da atuação docente é feminina, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Ministério da Educação (MEC) por meio do Inep Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), em 2017.

É importante frisar que no Brasil a educação pedagógica era exclusiva para homens, tendo início no século XVI com os Jesuítas. Logo, a alta porcentagem de mulheres atuando nas primeiras etapas do Ensino Básico ocorreu por meio de um processo histórico, paulatino, intitulado de Feminização do Magistério. Segundo Vianna (2001), a feminização do magistério ganha força no final do século XIX e acontece por diversos fatores, como, por exemplo, a expansão da industrialização do país, que levou homens a buscarem cargos mais bem remunerados, bem como o acesso categórico das mulheres às Escolas Normais. Dessa maneira, a presença masculina na educação e o processo histórico de feminização do magistério serão aprofundados nas próximas seções do trabalho.

A pesquisa se justifica, primeiramente, em relação ao avanço da percepção conservadora na sociedade brasileira, que vem cada vez mais enobrecendo valores que pregam a masculinidade e a feminilidade como dicotômicas. Segundo Menezes (2022), mulheres acabam sendo vistas como figuras maternas, com aptidão para o cuidado e o carinho, sendo perfeitas para a Educação Infantil e homens sendo considerados figuras brutas e não apropriadas para o mesmo trabalho, o que contribuiu para a visão do magistério como vocação feminina e extensão da maternidade.

O artigo 61 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 explicita que para lecionar na educação básica o profissional deve estar qualificado. Destarte, essa qualificação pode ocorrer de diversas formas, como, por exemplo, em nível médio, superior, técnico, complementação pedagógica ou com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino (BRASIL, 1996). Porém, a lei não cita em momento algum a distinção de gênero, contudo, como apresentado anteriormente mais de 90% dos profissionais que atuam nos Anos Iniciais da Educação Básica são do gênero feminino.

Com base no cenário educacional brasileiro, que historicamente tem uma presença majoritária de mulheres na docência dos anos iniciais do Ensino Fundamental, surge a necessidade de compreender a trajetória de professores homens que atuam nessa etapa de ensino. Dessa forma, a problemática que norteia a presente pesquisa consiste em investigar como se deu a trajetória de um profissional que atuou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, identificando quais foram os fatores que o levou a escolher essa profissão e quais foram as suas vivências e experiências no ambiente escolar.

O estudo tem como objetivo geral investigar a trajetória docente de um professor homem que lecionou nas séries iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas de Campo Grande, MS. Para alcançar esse objetivo, os objetivos específicos são: compreender o processo de ingresso na carreira docente e explorar as experiências mais significativas desse professor que atuou no 4º e 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da cidade; investigar a produção científica dos últimos dez anos relacionada à temática proposta.

Quanto a metodologia, foi selecionada a Abordagem Qualitativa para o trabalho. Logo, as metodologias utilizadas no estudo foram a revisão de literatura e em seguida a entrevista semiestruturada.

Objetivando verificar como a produção científica nacional vem abordando a temática, foi feita a revisão de literatura de trabalhos correlatos obtidos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) a partir de uma pesquisa do tipo Estado do conhecimento, com o propósito de verificar o que já foi publicado sobre o tema de 2012 - 2022. A revisão de literatura foi o primeiro passo da pesquisa, auxiliando na delimitação do tema, na busca da linha de pesquisa, na identificação de trabalhos já realizados sobre o tema e principalmente evitando que o trabalho seja irrelevante, evitando que se faça mais do mesmo (BRIZOLA; FANTIN, 2016).

Os dados obtidos tanto pela pesquisa bibliográfica quanto pela entrevista foram tratados se baseando na Análise de Conteúdo de Bardin. Assim, Bardin (2011, p. 48) discorre sobre a análise de conteúdo, destacando que:

Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo, todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas, que embora parciais, são complementares.

A metodologia utilizada para a entrevista consistiu na seleção do participante da entrevista, denominado Professor Paulo<sup>3</sup>, devido ao seu cargo de diretor adjunto na escola, E.M. Professora Oneida Ramos, onde foi realizado um dos Estágios Obrigatórios do curso de Pedagogia da UFMS. Após uma conversa inicial sobre a possível presença de professores homens atuando nos anos iniciais na escola e a possibilidade de entrevistá-los, o Professor

---

<sup>3</sup> O nome do professor mencionado neste estudo, Paulo Oliveira Barros, assim como a instituição de ensino em que ele atua, são reais e não foram alterados. O professor consentiu com o uso de seu nome e participou voluntariamente da pesquisa. Todo o procedimento empírico realizado seguiu os encaminhamentos éticos estabelecidos pela pesquisa com seres humanos, garantindo o respeito aos princípios de confidencialidade, privacidade e consentimento informado.

Paulo prontamente se ofereceu para participar da entrevista, uma vez que já havia lecionado em todas as turmas, do 1º ao 5º ano.

Para a condução da entrevista, foi elaborado um roteiro semiestruturado contendo perguntas abertas, o que permitiu respostas mais detalhadas. Optou-se por realizar a entrevista na sala do professor, um ambiente profissional adequado e silencioso. Durante o processo, seguiu-se o roteiro de perguntas, possibilitando que o participante respondesse de forma livre. No entanto, sempre que necessário, buscou-se esclarecer e aprofundar as respostas fornecidas. Vale ressaltar que a entrevista foi gravada por meio de um celular e posteriormente transcrita.

Este trabalho está estruturado em cinco partes. A primeira parte compreende a introdução, na qual são apresentados o contexto do estudo, a problemática investigada, os objetivos, a justificativa para a escolha do tema e a metodologia adotada. Nesse contexto, são explorados os principais conceitos e teorias relacionados ao assunto.

A segunda parte consiste em uma revisão da literatura existente sobre o tema do presente TCC. São apresentados os principais estudos e pesquisas relevantes, discutindo suas relações com o trabalho atual e explorando os conceitos-chave abordados. A terceira seção aborda o processo de feminização do magistério, destacando os principais marcos históricos desse fenômeno.

Na quarta seção, é apresentada a trajetória docente do Professor Paulo, estabelecendo uma conexão entre as teorias e conceitos previamente discutidos no trabalho. Por meio dessa análise, busca-se a ampliação da compreensão das questões relacionadas ao tema. Por fim, nas considerações finais, realiza-se uma síntese dos principais pontos discutidos ao longo do trabalho, destacando as conclusões alcançadas.

## **2. HOMENS NA DOCÊNCIA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS ÚLTIMOS 10 ANOS.**

Com o objetivo de verificar como a produção científica nacional vem abordando a temática, esta seção trará uma revisão de literatura de trabalhos correlatos obtidos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com o objetivo de verificar o que já foi publicado sobre o tema.

Como recorte de pesquisa foi estabelecido o período de 2012 - 2022, buscando escrever sobre como esses trabalhos se aproximam da presente pesquisa, suas principais temáticas e qual a relevância deles para essa discussão. Para realização dessa revisão foi utilizada como metodologia a pesquisa por meio de operadores Booleanos com o intuito de

analisar, inventariar e sistematizar as teses e dissertações encontradas, porém não foram encontradas teses que abordassem o tema no período estabelecido.

Desta forma, foi feita uma revisão de literatura do tipo Estado do Conhecimento, que segundo Romanowski e Ens (2006, p. 40) “[...] é o estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado”, possibilitando, assim, a pesquisa e a interpretação de dados de apenas conteúdos específicos, no caso, Teses e Dissertações ao contrário de pesquisas do tipo “Estado da Arte”, que tem o objetivo de compreender como se dá a produção do conhecimento em uma determinada área de conhecimento de modo completo.

Por conseguinte, a importância desse tipo de estudo, assim como pesquisas do tipo Estado da Arte, é realizar um balanço e fazer um mapeamento que examine o conhecimento já elaborado, aponte os enfoques, os temas mais pesquisados e principalmente as lacunas existentes sobre determinada temática. A realização destes balanços permite a contribuição com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais (ROMANOWSKI; ENS, 2006). Ainda, segundo as autoras:

Mais um aspecto que deriva desses estudos é a identificação das técnicas mais utilizadas nas pesquisas. Se elas são entrevistas, análise de documentos, observação, questionário, diário ou uma combinação delas, ou se os dados foram coletados por meio de videografia, grupo de discussão, grupo focal ou outra técnica (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 45).

A pesquisa para a realização da revisão sistemática seguiu os seguintes procedimentos metodológicos. Inicialmente, foi realizada uma busca na base indexada, utilizando unitermos construídos com palavras-chave e operadores booleanos (AND, NOT, OR), com uma delimitação de tempo dos últimos 10 anos. A combinação dos termos "Professores Homens", "Anos Iniciais" e "Ensino Fundamental" resultou em 26 trabalhos, dos quais foram selecionados 2. A combinação dos termos "Gênero Masculino", "Professores Homens" e "Anos Iniciais" retornou 28 resultados, sendo 3 relevantes para a pesquisa. Por fim, a junção dos termos "Professores Homens" e "Trajetórias Docentes" apresentou 25 resultados, com 3 selecionados.

O critério para a seleção das Teses e Dissertações foi apenas um, os trabalhos deveriam abordar as narrativas e/ou trajetórias de professores homens que atuam ou atuaram nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Na revisão bibliográfica do presente TCC, foram selecionados e analisados 8 trabalhos, todos sendo dissertações que contribuíram para

embasar o estudo. A seguir, serão apresentados resumidamente os principais trabalhos encontrados:

Lucas Cardoso MARTINS (2017), em sua dissertação, tem como principal objetivo refletir e problematizar os processos de constituição das identidades docentes de professores homens que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no município do Rio Grande/RS. Em seu trabalho, o autor abrange as trajetórias docentes de quatro professores atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental, desde os fatores que levaram os professores a escolha da profissão docente até os possíveis limites e preconceitos enfrentados por esses professores. As discussões de gênero são fundamentadas por Louro (1997).

Primeiramente, o autor faz uma breve narrativa da sua própria trajetória docente e também um levantamento de teses e dissertações que abordam o mesmo tema que o trabalho, assim como a análise do resultado de artigos. A baixa presença de professores homens nos anos iniciais do ensino fundamental também é problematizada. Ao realizar as entrevistas, o autor procurou compreender as representações de gênero e como os professores entrevistados se sentem ao exercer uma profissão com uma porcentagem pequena de homens, por meio de entrevistas semiestruturadas que foram gravadas por áudio, de modo a criar uma investigação narrativa. Além disso, é brevemente descrito o processo de feminização do magistério, como apresenta a necessidade da valorização da docência como profissão, que deve quebrar os paradigmas e estereótipos de vocação feminina, bem como a reafirmação da pluralidade das identidades docentes.

Adriana Horta de FARIA (2018) busca identificar e analisar, em sua dissertação, a participação masculina na história da docência com crianças em municípios do interior do Mato Grosso do Sul, por meio das trajetórias pessoais e profissionais de três professores aposentados que atuavam com crianças. As memórias dos professores Lídio, Venâncio e Luiz compuseram o corpus da pesquisa, essas memórias possibilitaram analisar diversos temas como, por exemplo, o trabalho docente, a inserção de professores homens no magistério e estudos de gênero.

Assim como na dissertação de Martins (2017), foram realizadas entrevistas com os professores participantes para a análise documental e teórica, porém com o foco na memória utilizando-se do recurso da História Oral Temática. “No decorrer das narrativas, a memória do indivíduo realiza essa associação entre os acontecimentos passados com os conceitos do que essa lembrança representa hoje” (FARIA, 2018, p.15). Algumas das bases em comum com outras dissertações são Nóvoa (2009) e Louro (1997). Bem como, a autora busca verificar o processo de feminização do magistério.

Como conclusão, os professores entrevistados eram considerados por outras pessoas como mais capazes de trabalhar com a educação nas áreas rurais por serem do sexo masculino, sendo marcados por características como força, ousadia e coragem. Contudo, esses marcadores são apenas construções sociais e para o trabalho docente é necessária uma formação profissional contínua e a desconstrução de estereótipos.

A dissertação de Josiane Caroline Machado CARRÉ (2014) se insere na linha de pesquisa de Práticas Escolares, buscando compreender em que medida as representações de gênero vão influenciar a imagem e a receptividade dos professores dos anos iniciais no ensino fundamental. Também foram utilizadas entrevistas semiestruturadas abertas e como Faria (2018), o recurso da História Oral Temática. Foram entrevistados 5 pedagogos do sexo masculino formados no curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), portanto as entrevistas abordam a trajetória, a prática, as possibilidades e os desafios enfrentados por esses professores. Deste modo, o processo de feminização do magistério também foi descrito se utilizando dos textos de Guacira Lopes Louro como base. O trabalho se destaca ao abordar os estudos de gênero de modo aprofundado, bem como o histórico do curso de pedagogia e a inserção de homens no curso. Deste modo, o material de Ludke e André (1986) é utilizado como referencial teórico para a pesquisa qualitativa.

A pesquisa revela que os professores desafiam estereótipos de gênero na docência, demonstrando habilidade e entusiasmo. A construção da masculinidade é cultural e os professores enfrentam pressões para provar sua competência. Políticas educacionais devem abordar questões de gênero para promover igualdade. O estudo reflete sobre a presença de professores homens nos Anos Iniciais, buscando redefinir imagens e recepção desses profissionais.

A dissertação de Eduardo Alberto FERREIRA (2020) tem como principal enfoque o preconceito e o silenciamento sofrido por professores homens que atuam nos Anos Iniciais e no Ensino Fundamental. Foram feitas entrevistas semiestruturadas com 12 professores do gênero masculino em uma cidade de médio porte em São Paulo. Após as entrevistas foi montado um grupo focal. Essa dissertação se difere das anteriores pois a pesquisa foi delimitada na perspectiva histórico-crítica. A importância deste trabalho para a presente pesquisa se solidifica ao abordar diretamente o preconceito sofrido por professores homens que atuam no ensino fundamental. Por fim, o autor reforça a necessidade de políticas públicas que manifestem a categoria de gênero para o ambiente escolar.

Fernanda Francielle de CASTRO (2014) não trata diretamente da trajetória de professores homens que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas mesmo assim

aborda o tema, o trabalho fundamenta-se nos desafios enfrentados por esses professores homens que se inserem em um universo predominantemente feminino, assim como Ferreira (2020). A sua particularidade são os estudos de gênero, os conceitos e relações com o currículo e a masculinidade na profissão docente. Assim, o processo de feminização é descrito de forma bem resumida, e como todos os outros trabalhos, os livros e trabalhos de Louro (2000, 2020) são utilizados como base teórica, como metodologia de coleta de dados foram utilizados questionários para a elaboração do perfil dos professores e depois entrevistas estruturadas com 22 professores (11 homens e 11 mulheres), com o objetivo de responder algumas questões como, o porquê da escolha pelo curso em que a atuação será em uma área predominantemente feminina, podendo, assim, sofrer preconceito. A importância do trabalho está na evolução das discussões das relações de gênero e masculinidades em ambientes feminizados, pois existe a exiguidade e silenciamento desses temas.

O trabalho de Fábio José Paz da ROSA (2012) aborda o dispositivo de sexualidade, investigando de quais maneiras o professor é enunciado e se autoenuncia, ou seja, como os professores homens eram representados pelos meios de comunicação. Foram utilizados textos publicados por professores homens e estudantes de pedagogia na rede social Orkut. Essa pesquisa traz o fator da paternagem na enunciação de professores homens, que assim como professoras mulheres, podem ser vistos como figuras paternas para as crianças mas, também, podem ser percebidos pelos adultos como “sujeitos que possuem uma sexualidade incontrolável” (ROSA, 2012, p. 140).

A pesquisa de Mariana Kubilius MONTEIRO (2014) é uma das principais referências para o presente trabalho, apesar de ser produzida em um mestrado na área da Educação Física e ser a única que não aborda os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas somente a Educação Infantil. Isso se dá pelo fato de Monteiro focar nas trajetórias profissionais, experiências e influências que levaram professores homens à escolha do magistério e/ou pedagogia. Para tal foram entrevistados professores do gênero masculino que atuam na Educação Infantil. Algumas das principais bases teóricas similares às outras pesquisas foram Louro (1997) e Vianna (2001), mas o mais interessante é que o trabalho foi orientado por Helena Altmann, uma das principais autoras utilizadas como referência em artigos sobre professores do gênero masculino na Educação Infantil e Anos Iniciais.

É interessante observar a similaridade dos trabalhos, por exemplo, o trabalho de Maria da Conceição Silva LIMA (2017) aborda a formação da identidade e as trajetórias docentes, assim como: Martins (2017), Faria (2018) e Monteiro (2014). Desta forma, Lima (2017) tem como objeto de estudo a construção identitária de professores homens que atuam nos Anos



Iniciais. Louro (1997, 2000 e 2002) e Sayão (2005) são novamente utilizadas como base teórica para a Dissertação. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas, buscando compreender quais foram as influências que levaram os entrevistados a uma profissão historicamente feminizada, deste modo construindo a identidade desses professores, buscando paralelos com teorias de estudos identitários. O trabalho se mostra relevante na quebra do paradigma de que a profissão docente requer atributos maternos e/ou uma vocação, buscando demonstrar a pluralidade e a temporalidade das identidades docentes.

Como conclusão, é importante ressaltar que o objetivo não foi apenas verificar o andamento das pesquisas acerca das trajetórias de professores homens atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas também comparar suas similaridades, diferenças e seus resultados. Assim, conclui-se que o tema é amplo e ainda há uma infinidade de possibilidades a serem exploradas além dos trabalhos descritos. Ademais, apesar das similaridades, cada trabalho é único e explora diferentes discussões como, por exemplo, identidade, gênero, preconceito, cultura, currículo e valorização docente. Com isso, o objetivo é que o presente trabalho contribua ainda mais com estas discussões, almejando que a educação seja um espaço mais democrático, rompendo barreiras e preconceitos.

### **3. FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NO BRASIL: UM PROCESSO HISTÓRICO**

A educação no Brasil apresenta uma história de desigualdade e exclusão, que se reflete tanto no acesso como na qualidade do ensino oferecido. Por muitos anos, o magistério foi uma profissão predominantemente masculina, com a crença de que somente os homens possuíam as habilidades necessárias para ensinar e educar pedagogicamente. Entretanto, a partir do século XX, ocorreu um processo de feminização do magistério, com a entrada massiva de mulheres na profissão, especialmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil. De acordo com Menezes (2022), atualmente são os homens que atuam nas etapas citadas que enfrentam estranhamento e são questionados sobre sua capacidade de educar.

Nesta seção, apresentaremos a história da educação brasileira até o processo de feminização do magistério, evidenciando que a ideia de que a educação exige vocação e sacerdócio são frutos de um longo processo histórico. Por fim, serão discutidos os principais marcos históricos que influenciaram esse processo.

De acordo com Saviani (2008), a história da educação pedagógica no Brasil teve início em 1500, quando os portugueses chegaram ao território. Apesar de enfrentarem diversos obstáculos nas primeiras décadas do século XVI, o rei de Portugal, Dom João III, decidiu envolver a Monarquia na ocupação da nova terra e nomeou Tomé de Sousa como o primeiro governador geral do Brasil em 1549. Com ele vieram os primeiros jesuítas, liderados por Manuel da Nóbrega, com a missão de converter os gentios à fé católica. Para atender a esse mandato, os jesuítas estabeleceram escolas, colégios e seminários que se espalharam por todo o território brasileiro, o que marca o início da história da educação no país.

Nesse contexto histórico, é importante destacar que a educação no Brasil era uma prática exclusiva para homens. Na época, a sociedade era extremamente patriarcal e o acesso à educação formal era negado às mulheres. As primeiras escolas e instituições jesuítas tinham, primeiramente, o objetivo de catequizar os povos indígenas. Com o avanço da colonização, as novas escolas estabelecidas pelos jesuítas eram destinadas apenas aos meninos, que eram preparados para se tornarem padres, militares ou membros da elite econômica e política. Ademais, segundo Hypolito (2020), as escolas elementares que foram abertas para as camadas populares tinham o objetivo de manter a influência da Igreja, sobre os intelectuais e a população em geral, com a leitura de textos religiosos.

É importante salientar que a ideia de que o magistério exige vocação e sacerdócio, que mais tarde seria utilizada como argumento a favor da feminização do magistério, já podia ser observada neste período. Conforme Louro (1997), a figura do mestre exemplar é fundamental no processo educativo escolar, sendo responsável pela conduta dos alunos e pelo ensino das virtudes. O jesuíta é um bom exemplo desse modelo de mestre, sendo cuidadosamente preparado para exercer seu ofício como um especialista da infância, dominando os conhecimentos e técnicas de ensino, graduando seus ensinamentos e corrigindo com brandura. Os religiosos se tornaram uma das primeiras representações do magistério na instituição escolar moderna. Em suas palavras:

[...] Modelos de virtudes, disciplinados disciplinadores, guias espirituais, conhecedores das matérias e das técnicas de ensino, esses primeiros mestres devem viver a docência como um sacerdócio, como uma missão que exige doação. Afeição e autoridade, bom senso, firmeza e bondade, piedade e saber profissional são algumas das qualidades que lhes são exigidas (LOURO, 1997, p. 93).

Deste modo, a primeira fase da educação jesuítica no Brasil foi marcada pelo plano de instrução, que se inicia com o aprendizado do português, doutrina cristã, escola de ler e

escrever, canto orfeônico e música instrumental. O plano também contemplava o aprendizado profissional e agrícola, assim como a gramática latina para aqueles que se destinavam à realização de estudos superiores na Europa. Contudo, sua aplicação foi precária, tendo sido encontrada oposição no interior da própria Ordem jesuítica, sendo finalmente suplantado pelo plano geral de estudos organizado pela Companhia de Jesus e consubstanciado no Ratio Studiorum (SAVIANI, 2008).

Conseqüentemente, o plano contido no Ratio, adotado pelos jesuítas, era universal e elitista, pois era destinado exclusivamente aos filhos dos colonos. O plano consistia em cursos de humanidades, filosofia e teologia, com destaque para disciplinas como latim e grego, e era fundamental para a organização dos colégios jesuítas, que tivessem sucesso na aplicação do plano. A educação fornecida pelos colégios jesuítas foi um fator importante na Contra Reforma católica e formou muitos grandes intelectuais (SAVIANI, 2008).

O Ratio perdurou até 1759, como salienta o autor: “A orientação indicada predominou no ensino brasileiro durante aproximadamente dois séculos, isto é, até 1759, quando se deu a expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas colônias por ato do Marquês de Pombal, então primeiro-ministro do rei Dom José I” (SAVIANI, 2008, p. 59).

Em virtude disso, durante o século XVIII em Portugal, houve uma intensa oposição entre o ambiente religioso e as novas ideias iluministas que estavam sendo introduzidas por portugueses residentes no exterior. Nesse contexto, o Marquês de Pombal e outros intelectuais chamados de "estrangeirados", que possuíam laços com outros países europeus, foram responsáveis por espalhar essas ideias no país. As transformações que ocorreram na educação portuguesa durante esse período, que ficou conhecido como o período pombalino, tiveram um impacto direto no ensino no Brasil. Uma das conseqüências mais significativas desse conflito entre a religião e as ideias iluministas foi a, já citada, expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, o que abriu caminho para mudanças profundas na educação brasileira sob a direção de Pombal.

Portanto, em 6 de julho de 1759, foi criada a Carta Régia que designou o cônego Dom Tomás de Almeida como diretor-geral de estudos do Reino e Ultramar, com a responsabilidade de implementar as aulas régias em Portugal e em suas colônias. No entanto, a implementação das aulas régias foi um processo lento, e até 1761 apenas quatro cidades haviam nomeado professores régios. Embora o cargo de Dom Tomás tenha sido extinto em 1771, esse período foi marcado pela criação das aulas régias e a nomeação de professores régios (CARDOSO, 2002 apud SAVIANI, 2008).

Ademais, segundo Saviani (2008), a partir de 1772, objetivou-se reformular o ensino superior em Portugal e no Brasil. A reforma iniciou-se com a criação do curso de Medicina, na Universidade de Coimbra no mesmo ano, seguida pela reforma na Faculdade de Teologia e pela criação da Aula de Comércio e da Aula de Desenho em 1779. Essa fase teve como principal ideia a formação de técnicos especializados em áreas específicas, como a medicina e o comércio, que seriam úteis para o desenvolvimento do comércio colonial e, conseqüentemente, para o fortalecimento da economia portuguesa e brasileira.

A presença feminina no campo educacional foi uma conquista gradual e não pode ser atribuída a uma data específica. Ao longo do tempo, as mulheres lutaram para conquistar espaços que antes eram exclusivos dos homens. Assim, com a chegada da família real ao Brasil, no início do século XIX, várias mudanças ocorreram no país, incluindo no campo educacional. Em 1827, foi estabelecida a Lei de 15 de outubro, que garantia o ensino básico gratuito, que também passou a contemplar meninas, por meio das Escolas de Primeiras Letras nas regiões mais populosas do país. No entanto, segundo Louro (2020), a determinação dos legisladores em estabelecer Escolas de Primeiras Letras em todo o Império, em 1827, não refletia a realidade da época. Em uma sociedade escravocrata e predominantemente rural, onde latifundiários e coronéis detinham o poder político e silenciavam os mais vulneráveis, como agregados, mulheres e crianças, a importância da alfabetização e das habilidades básicas de cálculo eram questionáveis.

Da mesma forma, é importante destacar que as jovens pertencentes a famílias mais privilegiadas já possuíam acesso à educação por meio de escolas privadas e aulas particulares. No entanto, apesar dessa oportunidade, ainda assim o acesso à educação era aviltado, como explica Almeida:

Nas casas mais abastadas as jovens recebiam de professores particulares algumas noções elementares, mas dedicavam-se sobretudo às prendas domésticas e à aprendizagem de boas maneiras. Mesmo essas moças privilegiadas tinham reduzido acesso à leitura, pouco ou nada sabiam de história ou geografia, possuíam vagas noções de literatura e cálculo, dedicavam-se mais à aprendizagem de uma língua, de preferência o francês, vivendo nos limitados horizontes domésticos, aguardando o casamento que deveria ser sua suprema aspiração e para o qual eram preparadas por toda a vida (ALMEIDA, 1998, p. 56).

Em vista disso, a educação feminina no Brasil, herdada de Portugal, estava fundamentada em uma mentalidade rígida, moralizadora e tradicional. Mesmo após a independência do país, em 1822, a atenção dada ao tema era voltada para a educação dos

homens, com a educação das mulheres sendo vista como algo secundário e sendo ministrada no ambiente doméstico. Essa mentalidade também se estendia à atuação feminina no magistério, embora a missão e o sacerdócio fossem igualmente atribuídos aos homens que se dedicavam ao ensino (ALMEIDA, 1998).

Portanto, a educação direcionada às mulheres era voltada para a formação moral, preparando-as para serem boas donas de casa e esposas. Conforme Louro (2020), a educação das mulheres tinha como propósito a formação de mães virtuosas, encarregadas de educar as gerações futuras e serem o sustentáculo do lar. A motivação para essa educação não decorria dos desejos ou necessidades das mulheres, mas sim de sua função social como educadoras dos filhos e formadoras dos futuros cidadãos, conforme a linguagem republicana utilizada na época.

Em 1846, por meio da Lei n.34 de 16 de março, foi instituída a primeira Escola Normal de São Paulo, exclusiva para homens. As escolas normais surgiram como uma resposta à carência de docentes em um período de ampliação do sistema educacional, tendo como objetivo formar professores para atuar nas escolas primárias. Posteriormente, em 1847, foi criada em São Paulo a primeira escola normal feminina, conforme complementa Almeida (1998, p. 58):

[...] pela Lei n.5 de 16 de fevereiro de 1847, foi criada uma Escola Normal Feminina no Seminário das Educandas, conhecido na época por "Seminário do Acú". Organizada nos mesmos moldes da escola masculina, funcionava com curso de dois anos e possuía um programa restrito composto por Gramática Portuguesa, Aritmética, Doutrina Cristã, Francês e Música.

Embora as mulheres tenham começado a ter acesso à Escola Normal, ainda havia uma diferença significativa em relação aos saberes ensinados, salários recebidos e matérias aplicadas aos alunos em comparação com as escolas masculinas. Assim como complementa Rosemberg (2012, p. 163):

A segregação sexual nas escolas foi uma barreira não só para a educação das meninas, mas também para a formação de mestras. Criadas entre as décadas de 1830 e 1840, as escolas normais públicas, frequentadas de início apenas por homens, enfrentaram “transtornos” durante décadas quando se dispuseram a acolher também mulheres. Para manter a segregação sexual, as artimanhas parecem bizarras não só ao nosso olhar, mas também ao da época: frequência de homens e mulheres em dias, períodos, prédios separados ou alternados, por exemplo.

A Escola Normal Feminina de São Paulo, fundada em 1847, teve seu funcionamento interrompido em 1856 com a promulgação da Lei n.31 de 7 de maio de 1856, que introduziu escolas mistas. Segundo Rosemberg (2012), essa mudança não ocorreu apenas por razões ideológicas positivistas, como alguns documentos sugerem, mas também por questões econômicas. Era financeiramente inviável para o Estado manter dois sistemas de ensino distintos. Assim, a abertura de escolas mistas acabou sendo uma solução mais viável e eficiente.

Nos anos seguintes, houve um aumento significativo da procura feminina pelo magistério em São Paulo. No período de 1880 a 1883, a maioria das matrículas era de mulheres. No entanto, apesar desse cenário, os homens ainda eram maioria entre os formandos, devido ao elevado número de mulheres que abandonaram o curso antes de sua conclusão. A Escola Normal se estabeleceu mais seriamente no sistema escolar por volta de 1890, após a Proclamação da República e a reforma de Caetano de Campos.

No entanto, a frequência das mulheres nas escolas normais continuava sendo justificada pela concepção de que a educação feminina era necessária para torná-las esposas agradáveis e mães dedicadas, o que acabava excluindo-as de outros níveis de ensino e justificando currículos que enfatizavam apenas habilidades domésticas. A partir de 1894, a Escola Normal de São Paulo estendeu sua duração para quatro anos e manteve sua política de matrícula aberta para estudantes de ambos os sexos. Embora as mulheres não tivessem acesso a cargos de liderança, tinham a possibilidade de se tornarem professoras (ALMEIDA, 1998).

Com a virada do século, as mulheres gradativamente passaram a se tornar maioria nos cursos de formação de professores para o ensino básico, o que evidencia o processo de feminização do magistério. Esse fenômeno está associado à expansão da rede escolar, às transformações políticas, sociais, culturais e econômicas do país, incluindo a consolidação do capitalismo e da industrialização. Além disso, é importante destacar que a urbanização teve um papel fundamental nesse processo, ao estabelecer um novo estatuto de escola. Como Louro (1997) e Hypolito (2020) apontam, esse processo de feminização pode ter algumas características particulares, mas acontece de forma similar a outros países.

Logo, existem diversos fatores que contribuíram para o processo de feminização do magistério ao longo do tempo. Esse processo enfrentou resistência, críticas e polêmicas. Alguns acreditavam que seria insensato confiar a educação das crianças a mulheres despreparadas e com cérebros pouco desenvolvidos pelo desuso. Contudo, outros argumentavam que as mulheres tinham uma inclinação natural para lidar com crianças, sendo as primeiras educadoras por natureza. Nesse sentido, a atividade de magistério seria uma

extensão da maternidade, permitindo que as mulheres ampliassem ou sublimassem sua função fundamental. Para isso, era importante representar o magistério como uma atividade de amor, entrega e doação, destinada àquelas que tivessem vocação (LOURO, 2020).

Ademais, segundo Louro (2020), as mulheres eram percebidas como o sexo frágil e precisavam ser controladas e protegidas, limitando suas atividades fora do espaço doméstico. Mesmo quando as jovens de classes populares precisavam trabalhar, seus empregos eram aceitos como uma "fatalidade". A autora acrescenta:

Ainda que indispensável para a sobrevivência, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não as afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. As jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade, outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas por restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com sua feminilidade (LOURO, 2020, p. 453).

Portanto, para as mulheres o magistério era considerado uma profissão digna, uma extensão das funções maternas, e que não ameaçava a sua posição na sociedade. Ainda assim, as mulheres enfrentavam restrições e cuidados para que a profissionalização não se chocasse com sua feminilidade, e os salários se mantinham baixos devido à ideia de que o trabalho feminino era provisório e não deveria interferir na função primordial de cuidar da casa e dos filhos. Por outro lado, os homens passaram a abandonar o magistério em busca de empregos mais bem remunerados no contexto da industrialização do início do século XX. Neste panorama:

No século XX, o caráter feminino do magistério primário se intensificou a tal ponto que, no final da década de 20 e início dos anos 30, a maioria já era essencialmente feminina. O Censo Demográfico de 1920 indicava que 72,5% do professorado do ensino público primário brasileiro compunha-se de mulheres e, no total de docentes, sem distinção de graus de ensino, elas somavam 65%. A presença feminina no magistério estendeu-se aos demais níveis de ensino após a progressiva expansão da oferta de vagas nos cursos de ensino primário em cidades de grande porte, como São Paulo, no final da década de 30 e meados de 1940 (VIANNA, 2001, p. 5).

Ainda segundo Vianna (2001), a presença feminina no mercado de trabalho na área da educação se ampliou, não se restringindo apenas ao ensino primário. No final do século XX, a predominância feminina na Educação Básica já estava estabelecida, fenômeno que é observado internacionalmente, embora não seja universal. Diversos trabalhos realizados no Brasil também destacam a predominância de mulheres na categoria docente.

Portanto, pode-se compreender que a concepção de que certas características, como o sacerdócio e a vocação, são necessárias na profissão docente, especialmente na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, é uma construção social anterior à consolidação das mulheres no magistério e persiste atualmente. Essa persistência pode ser atribuída, em parte, às construções sociais e culturais ligadas às representações de gênero, que incluem a crença de que a educação das crianças é exclusivamente responsabilidade feminina. Essa ideia é reforçada pelos estereótipos que associam as mulheres ao papel de mães e cuidadoras, os quais também são extrapolados para a profissão docente.

Diante desse contexto, surge a seguinte pergunta: Como podemos repensar o lugar do professor homem nas séries iniciais do Ensino Fundamental, considerando as construções sociais e culturais ligadas às representações de gênero e a persistência de estereótipos que associam a docência a um perfil feminino?

#### **4. A TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR HOMEM NOS ANOS INICIAIS**

Esta seção tem como objetivo analisar a entrevista realizada com o professor Paulo Oliveira Barros, profissional com vasta experiência no contexto educacional, tendo atuado como professor nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e atualmente ocupando o cargo de diretor na EMEI Professora Oneida Ramos. Neste estudo, buscamos compreender sua trajetória docente, estabelecendo e expandindo uma relação entre as teorias e conceitos apresentados anteriormente no trabalho e a pesquisa empírica realizada por meio dessa entrevista.

Paulo Oliveira Barros, natural de Fátima do Sul/MS, possui 51 anos de idade e é casado, tendo dois filhos. Sua ampla experiência como professor o levou a assumir a posição de diretor na EMEI Professora Oneida Ramos, onde desempenha um papel fundamental na condução das atividades pedagógicas e administrativas. A escolha desse profissional como sujeito da pesquisa se dá pela relevância de sua atuação no contexto educacional, bem como pela possibilidade de se obter um olhar mais abrangente sobre as práticas educativas.

Ao longo desta seção, apresentaremos uma análise dos principais aspectos discutidos durante a entrevista, destacando as falas e a trajetória do professor Paulo Oliveira Barros. Por meio dessa análise, buscamos estabelecer uma relação entre as teorias e conceitos apresentados por outros autores, identificar na entrevista os elementos que contribuem para a discussão de tópicos relevantes, como a motivação na escolha da profissão, a formação acadêmica e a trajetória como educador.



#### 4.1 A ESCOLHA DA PROFISSÃO

Nesta seção abordaremos o primeiro eixo de análise, que se dedica a compreender a escolha profissional do professor que atuou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Exploraremos as motivações e influências que levaram o entrevistado a optar por essa carreira e discutiremos como esses elementos constituíram sua trajetória educacional. Com o objetivo de compreender sua trajetória completa, a primeira pergunta foi se a escolha pela profissão docente se deu na infância. No relato o Professor Paulo respondeu:

Na verdade, minha escolha de ser professor não aconteceu na infância, mas talvez mais para o final da adolescência. No entanto, desde cedo, ainda durante o antigo segundo grau, hoje conhecido como ensino médio, eu já havia ingressado no curso de magistério. Foi nessa fase do ensino médio que despertei interesse em seguir a carreira docente, e decidi concluir o magistério. Quando entrei no curso de pedagogia, no segundo ano, já tinha a possibilidade de fazer concursos, e foi nessa época que comecei a trabalhar na área da educação. A vontade e o desejo de ser professor surgiram realmente durante o período do magistério, no ensino médio (PROFESSOR PAULO, 2023).

A trajetória descrita pelo Professor Paulo revela uma transição e um despertar de interesse pela carreira docente durante o período do ensino médio. Esse tipo de descoberta vocacional em uma fase posterior da vida é um tema discutido na literatura acadêmica sobre a escolha da profissão docente. Saviani (1991) aborda a formação de professores e destaca que a escolha da profissão docente pode ocorrer em diferentes momentos da vida, nem sempre sendo uma decisão precoce na infância. Ele enfatiza a importância de experiências e influências durante a adolescência e o ensino médio na formação da identidade profissional do professor. Quanto a escolha pelo magistério, o entrevistado respondeu:

Eu morava no interior e na escola que eu estudava, na época escola de primeiro e segundo grau, de segundo grau só tinha o magistério. Então eu não tinha muita escolha, então creio que as circunstâncias me levaram, também, a conhecer o magistério e despertar esse interesse. Do qual não me arrependo até hoje (PROFESSOR PAULO, 2023).

A escolha de uma carreira é frequentemente influenciada por uma série de fatores, como interesses pessoais, influências familiares, acesso à educação e condições socioeconômicas. No caso do Professor Paulo, sua opção pelo magistério foi encaminhada pelas circunstâncias locais e pela limitada disponibilidade de opções de ensino secundário em

sua cidade. Essa situação é discutida por Louro (1997), ao analisar a relação entre gênero e profissão docente, destacando que a escolha por essa carreira pode ser influenciada por aspectos socioeconômicos e pela oferta de oportunidades educacionais em determinadas regiões. Nesse sentido, a falta de variedade de cursos de segundo grau na região em que o Professor Paulo vivia pode ter desempenhado um papel importante na sua decisão pelo magistério. Diante das circunstâncias em que se encontrava, o magistério se apresentou como uma opção viável e acessível para continuar seus estudos, como ele descreve:

Como já disse, foi a primeira opção, porque não tinha outra, né? A gente terminava o oitavo ano, hoje o nono, e já fazia o magistério, lá no interior. Depois, quando eu já estava fazendo o magistério, surgiu o que naquela época chamava contabilidade. Era um curso técnico também, de ensino médio, mas eu continuei no magistério até o final (PROFESSOR PAULO, 2023).

A fala do Professor Paulo revela aspectos significativos relacionados à sua escolha pelo magistério e à sua trajetória profissional. Segundo ele, o magistério foi a primeira opção disponível na época, pois não havia outras alternativas para dar continuidade aos estudos após o oitavo ano, que hoje corresponderia ao nono ano do ensino fundamental. Essa limitação de opções é um reflexo do contexto em que o Professor Paulo vivia, especialmente no interior.

O surgimento posterior do curso técnico de contabilidade evidencia que outras possibilidades educacionais foram apresentadas ao Professor Paulo durante sua formação. No entanto, mesmo diante dessa nova oportunidade, ele optou por seguir no magistério até o final, afinal ele já poderia ter a opção de prestar concursos. Essa escolha indica uma inclinação e um interesse pela docência, que superou as alternativas disponíveis naquele momento. Segundo Nóvoa (2009), a motivação intrínseca e o interesse pela docência são elementos essenciais na formação de professores. Esses aspectos estão relacionados à identificação com a profissão e ao desejo de contribuir para o desenvolvimento dos alunos.

Acrescentando a isso, a escolha profissional de um indivíduo pode ser influenciada por diversos fatores, incluindo o apoio e a visão da família em relação à carreira selecionada. No caso do Professor Paulo, ele relata que sua mãe era analfabeta e seu pai, semi-analfabeto, mas ambos enfatizavam a importância dos estudos. Entretanto, quando se tratou da escolha específica pela carreira docente, o Professor Paulo menciona que seus pais não interferiram diretamente, como ele explica no trecho a seguir:

Minha mãe, analfabeta. Meu pai, semi-analfabeto. Então o que eles diziam sempre é que eu tinha que estudar. Mas nessa escolha, já enquanto adolescente, quase adulto, eles não faziam interferência, não (PROFESSOR PAULO, 2023).

Esse relato suscita reflexões sobre o papel da família na formação das escolhas profissionais dos indivíduos. Segundo Bandeira e Hutz (2011), a família desempenha um papel significativo na orientação e influência das decisões vocacionais. O apoio dos pais e sua compreensão sobre as aspirações dos filhos são fatores importantes que podem afetar a escolha de carreira. No entanto, no caso do Professor Paulo, a falta de interferência direta por parte de seus pais indica uma autonomia em relação à sua decisão dentro das possibilidades ofertadas.

Portanto, ao observarmos a trajetória de escolha da profissão do Professor Paulo é nos revelado que tal escolha profissional ocorreu durante o ensino médio, motivada pelo interesse despertado no curso de magistério. Essa opção foi encaminhada pelas circunstâncias locais e pela falta de variedade de cursos na região em que vivia. O interesse genuíno pela docência, que superou as alternativas disponíveis, é um fator significativo em sua trajetória. Além disso, o apoio familiar, mesmo que não direcionado especificamente a escolha pela docência, contribuiu para o seu percurso profissional. Essa análise evidencia a complexidade e a multidimensionalidade envolvidas na escolha da profissão docente.

## **4.2 A FORMAÇÃO DOCENTE**

A formação docente desempenha um papel essencial no desenvolvimento das habilidades profissionais dos professores, exercendo um impacto significativo na qualidade da educação. A seguir iremos abordar a formação docente do Professor Paulo, investigando as etapas e experiências que contribuíram para sua trajetória educacional.

O entrevistado conta que concluiu sua formação no curso de Pedagogia no ano de 1996, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), localizada no campus de Campo Grande. Além disso, O Professor Paulo possui uma extensa trajetória acadêmica e profissional. Ele realizou uma pós-graduação em Educação Especial na UFMS em 1998, seguida por uma pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Federal do Ceará, na modalidade a distância.

Além disso, também obteve uma especialização em Coordenação Pedagógica, com foco em Educação Infantil e Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. Em 2016, concluiu seu mestrado em Educação pela UEMS. Embora tenha iniciado estudos no

doutorado, não concluiu, pois optou por seguir na gestão escolar. Durante sua carreira, o Professor Paulo atuou por 10 anos na área de Educação Especial, inicialmente como intérprete e posteriormente como técnico da Divisão de Educação Especial. Ele também trabalhou com orientação técnica e formação de professores. Atualmente, encontra-se no quinto ano de sua atuação na gestão escolar.

Ao longo dos quase 30 anos de sua trajetória profissional, que segundo ele “[...] começou em meados dos anos noventa” (PROFESSOR PAULO, 2023), o entrevistado acumulou uma ampla gama de experiências no campo da docência, principalmente no contexto da escola pública municipal. Sua atuação sempre ocorreu em cargos conquistados por meio de concursos públicos, demonstrando seu compromisso e dedicação à carreira docente.

É importante destacar que o Professor Paulo não teve oportunidade de vivenciar experiências em escolas particulares, mas durante seu curso de pedagogia, teve a oportunidade de estagiar no Ensino Médio, mais especificamente nas disciplinas de filosofia e sociologia. Nesse estágio, ele e seu grupo assumiram a condução da turma, atuando como regentes e aplicando as propostas pedagógicas que haviam elaborado. Essa experiência demonstra sua capacidade de liderança e a habilidade de se adaptar a diferentes contextos educacionais.

A diversidade de experiências do Professor Paulo ao longo de sua carreira docente contribuiu para o enriquecimento de sua prática pedagógica. A atuação em diferentes níveis de ensino, destacando sua atuação como professor regente em todos os 5 anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como a participação ativa como regente durante o estágio no Ensino Médio, proporcionaram a ele a oportunidade de experimentar diferentes abordagens e estratégias de ensino. Essa diversidade também ampliou seu repertório de conhecimentos e competências, permitindo-lhe adotar uma abordagem abrangente e integrada ao lidar com as demandas e necessidades dos alunos.

Desta maneira, sua experiência no magistério evidencia seu comprometimento em aplicar os conhecimentos constituídos no curso de pedagogia e em aproveitar as oportunidades de aprendizado proporcionadas pelas vivências em sala de aula. Essa postura reflexiva e proativa é fundamental para o aprimoramento contínuo da prática docente e para o desenvolvimento de uma educação de qualidade.

Acrescentando a isso, o Professor Paulo compartilhou mais sobre sua trajetória profissional, destacando que ingressou no cargo durante o primeiro ano do Ensino Fundamental. Ele mencionou que essa fase foi uma das mais desafiadoras, em suas palavras:

Quando ingressei no concurso, assumi o cargo no primeiro ano do Ensino Fundamental, e essa foi uma das fases mais difíceis, apesar de ter sido uma boa experiência. Posteriormente, em 1996, quando assumi o segundo concurso, iniciei no quinto ano e, no mesmo ano, me deram uma turma de terceiro ano. Durante minha trajetória, tive a oportunidade de atuar em todos os anos, desde o primeiro até o quinto, em projetos específicos de aceleração, já tive essas experiências (PROFESSOR PAULO, 2023).

Portanto, a trajetória do Professor Paulo destaca-se pela sua formação diversificada e experiência profissional. Sua busca por especializações, como Educação Especial, e sua atuação em diferentes níveis de ensino evidenciam seu compromisso em atender às necessidades dos alunos. Sua postura reflexiva e proativa enriquece sua prática pedagógica, promovendo uma abordagem abrangente e inclusiva.

#### **4.3 AS EXPERIÊNCIAS MAIS MARCANTES**

A compreensão da história e da prática educacional é enriquecida por meio das memórias dos professores, que desempenham um papel fundamental nesse contexto. Ao explorar as experiências vivenciadas por esses profissionais, é possível obter percepções valiosas sobre o contexto educacional e as transformações ocorridas ao longo do tempo. De acordo com Nóvoa (2000), a análise das memórias dos professores revela os aspectos afetivos, sociais e culturais intrínsecos à prática pedagógica. Essas memórias fornecem uma oportunidade para reconstruir o passado, compreender o presente e projetar o futuro da educação. Através da reflexão sobre suas experiências pregressas, os professores têm a capacidade de trazer à tona elementos que promovem o aprimoramento de sua prática docente, bem como a implementação de mudanças significativas no ambiente escolar.

Frente a isso, procuramos saber das experiências mais marcantes durante a trajetória do Professor Paulo.

Ele relata em suas lembranças da infância na escola a presença de um professor homem em sua trajetória educacional nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa lembrança é considerada relevante, pois o professor Luiz Carlos deixou marcas muito positivas nesse período, como ele relata:

Tive, no meu segundo ano do Ensino Fundamental, um professor homem. O mesmo também foi meu professor no quarto ano do Ensino Fundamental, e era bom ter um professor homem. Tive mulheres também, mas era o professor Luiz Carlos, e isso realmente deixa marcas muito positivas desse período (PROFESSOR PAULO, 2023).

Neste aspecto, a presença de um professor homem nos anos iniciais do Ensino Fundamental é notável, considerando que geralmente são predominantemente conduzidos por professoras. Essa exceção proporciona uma oportunidade de analisar como a presença masculina na educação influencia os alunos. Assim, o relato de Paulo sobre o professor Luiz Carlos sendo seu professor, tanto no segundo quanto no quarto ano, evidencia um relacionamento duradouro e possivelmente significativo, contribuindo para o desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos.

Além disso, Paulo expressa que ter um professor homem era bom, talvez valorizando a presença masculina na escola. A diversidade de gênero entre os professores pode trazer diferentes perspectivas, estilos de ensino e modelos de identificação para os alunos, contribuindo para a desconstrução de estereótipos de gênero e a promoção da igualdade de oportunidades educacionais.

Quanto ao ensino superior, Paulo descreveu os quatro anos de estudo na universidade como um período intenso e marcante, segundo suas palavras:

Eu confesso que os quatro anos de estudo foram todos muito marcantes, eu tinha uma ideia inicial de como seria, sempre fui de escola pública na minha trajetória de estudo, e quando eu passei no vestibular, imaginava que o difícil era passar no vestibular, chegando na universidade pensei que seria mais fácil, mas me enganei. Essa trajetória de quatro anos de muito estudo, intenso estudo da pedagogia. E o que foi muito marcante é que minha turma foi uma das primeiras turmas onde os próprios professores falaram que era um fato inédito que 50 % da turma eram homens e as demais mulheres. E professores excelentes, do meu ponto de vista, hoje boa parte deles já aposentaram, não estão mais na UFMS, uns aí atuando no mestrado, outros saíram, já aposentaram ou em doutorado, mas foram professores que sou grato até hoje (PROFESSOR PAULO, 2023).

Logo, um aspecto especialmente marcante da experiência de Paulo foi a composição de sua turma. Ele mencionou que, de acordo com os próprios professores, sua turma foi considerada um fato inédito, pois cerca de 50% dos alunos eram homens, enquanto a maioria dos cursos de pedagogia tendia a ter uma maioria feminina. Essa diversidade de gênero trouxe uma perspectiva única para sua trajetória. Além disso, Paulo expressou sua gratidão pelos professores que o acompanharam durante o curso. Embora muitos deles já tenham se aposentado ou seguido carreiras acadêmicas avançadas, ele ressalta que esses professores foram fundamentais em sua formação. A qualidade e excelência desses educadores foram percebidas por Paulo, que continua a valorizar as contribuições que eles trouxeram em sua jornada acadêmica.

Em seguida, o entrevistado relata uma experiência significativa em seu primeiro dia de aula. Ele descreve como foi acolhido inicialmente pela gestão da escola, uma vez que assumiria a vaga de um professor convocado que já estava em sala de aula. Nesse contexto, a professora que ocupava o cargo precisou deixar a sala para que ele pudesse assumir a turma. Essa situação evidencia os desafios e as mudanças repentinas que podem ocorrer na dinâmica educacional.

Além disso, ele compartilha a sua experiência ao chegar à sala de aula e deparar-se com a responsabilidade de liderar uma turma de primeiro ano. Ele descreve esse momento como difícil, destacando a sensação de entrar nesse novo ambiente sem um referencial claro e de ter que estabelecer uma conexão com os alunos desde o primeiro momento. Em suas palavras “[...] você entra em um mundo sem chão, no primeiro momento” (PROFESSOR PAULO, 2023). Essa falta de familiaridade e o desafio de lidar com as expectativas dos alunos no início do ano letivo são aspectos marcantes desse momento na vida de um professor. Segundo Veenman (1984, p. 143 *apud* NONO, 2011) “[...] a transição da formação dos professores para o primeiro trabalho no ensino pode ser dramática e traumática”. A falta de experiência e a pressão para corresponder às expectativas dos alunos e da instituição podem causar ansiedade, insegurança e até mesmo sentimento de fracasso. Nesse contexto, é fundamental que as escolas desempenhem um papel ativo no suporte e acompanhamento dos professores iniciantes.

Ao ser questionado sobre a existência possíveis de desafios decorrentes de sua condição de gênero, o professor menciona que o ambiente escolar o acolheu de forma positiva. “É um universo, principalmente o primeiro ano, bem feminino, mas a escola me acolheu, não tive com os pais nenhum problema, pelo contrário, a aceitação por parte dos alunos foi muito boa” (PROFESSOR PAULO, 2023). Ao afirmar que não sofreu nenhum preconceito e não houve desafios pelo fato de ser um professor homem atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, questionamos o entrevistado uma segunda vez se ele nunca teve problemas e ele foi categórico ao responder: “Não, nunca tive” (PROFESSOR PAULO, 2023).

Embora o relato do Professor Paulo sugira uma experiência positiva e livre de preconceito como professor homem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é importante ressaltar que diversas pesquisas, como as trazidas na revisão bibliográfica, apontam para a existência de desafios e preconceitos enfrentados por profissionais do gênero masculino nesse contexto educacional. Esses estudos destacam situações de estigmatização, dúvidas sobre a competência e a capacidade de cuidar e educar crianças pequenas, além de estereótipos de

gênero arraigados na sociedade que podem influenciar a percepção e a atuação dos professores homens.

No entanto, é válido ressaltar que a experiência positiva relatada pelo Professor Paulo traz um aspecto encorajador para a educação. Sua vivência evidencia que é possível construir um ambiente escolar inclusivo e acolhedor, no qual a diversidade de gênero é valorizada e os preconceitos são superados. Essa perspectiva nos permite vislumbrar um cenário no qual professores homens possam desempenhar um papel fundamental nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e desafiando estereótipos de gênero.

A experiência positiva de Professor Paulo, mesmo que singular, destaca a importância de promover a igualdade de oportunidades e de valorizar a competência e dedicação dos profissionais, independentemente de seu gênero. Essa perspectiva otimista incentiva a continuação de pesquisas e a implementação de práticas inclusivas na educação, criando um ambiente mais diversificado e enriquecedor para todos os envolvidos no processo educativo.

Ademais, a última pergunta relativa à trajetória docente foi justamente qual é a memória mais marcante e o porquê dessa memória ser a mais marcante. Ele destacou a lembrança dos seus alunos de quinto ano, revelando a importância desse período em sua carreira. Além disso, Paulo menciona que era constantemente procurado pelos pais para matricularem seus filhos em sua turma, mesmo quando já havia um número significativo de alunos. Essa demanda adicional demonstra a confiança e o reconhecimento do trabalho realizado por ele, o que o impulsionava a se dedicar e buscar sempre o melhor.

O Professor Paulo ressalta a importância da cultura escolar estabelecida na escola em que atuava. Essa cultura de confiança da comunidade escolar proporcionava segurança e motivação para seu trabalho. Ao ter a confiança dos pais e da comunidade, Paulo sentia-se respaldado e encorajado a realizar um trabalho de qualidade.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo investigar a trajetória docente de um professor homem que atuou nas séries iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas de Campo Grande-MS, bem como analisar como a produção científica dos últimos dez anos aborda essa temática. Ao longo da pesquisa, foi possível compreender as vivências e percepções desse professor em sua carreira docente.



A presença majoritária de mulheres na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, conforme constatado por diversos estudos e dados estatísticos, evidencia um histórico processo de feminização do magistério. No entanto, este estudo teve como propósito explorar a experiência singular de um professor homem nessa área, a fim de compreender suas motivações e suas vivências no ambiente escolar.

A análise da produção científica revelou que a temática abordada ainda é incipiente e carece de maior aprofundamento. Os trabalhos revisados focaram principalmente nos preconceitos e desafios enfrentados por professores homens que atuam nas séries iniciais, contrastando com a experiência do Professor Paulo. Ao longo da entrevista, ele relatou sua paixão pela profissão e destacou a importância do envolvimento afetivo, da construção de relações de confiança e do desenvolvimento de práticas pedagógicas sensíveis às necessidades individuais das crianças.

Nesse sentido, a experiência do Professor Paulo traz uma perspectiva diferenciada, mostrando que é possível superar estereótipos de gênero e estabelecer uma relação de respeito e cuidado com os alunos, independentemente do gênero do professor. Sua atuação foi pautada pela empatia, pelo diálogo e pela valorização das singularidades de cada estudante, o que resultou em um ambiente de aprendizagem acolhedor e estimulante.

Portanto, é importante considerar a diversidade de gênero na composição do corpo docente das séries iniciais do Ensino Fundamental, reconhecendo as contribuições que professores homens podem trazer para a educação. Além disso, é fundamental promover a reflexão sobre os estereótipos de gênero presentes na sociedade e no contexto educacional, a fim de construir ambientes mais inclusivos e igualitários.

Ademais, a pesquisa, embora tenha se baseado em uma única entrevista com o professor Paulo, e reconhecendo que essa experiência isolada pode não representar a totalidade das vivências dos professores homens nas séries iniciais do Ensino Fundamental, é de grande importância. Destaca-se especialmente por ter sido conduzida por um professor homem, uma vez que a maioria das pesquisas consultadas durante o estudo foram realizadas por pesquisadoras mulheres. Essa perspectiva traz uma contribuição relevante para a compreensão e a ampliação do conhecimento sobre o tema abordado.

Por fim, este estudo contribui para ampliar o conhecimento sobre a trajetória docente de professores homens nas séries iniciais do Ensino Fundamental, evidenciando a importância de valorizar suas vivências e experiências positivas. Espera-se que os resultados obtidos possam estimular a realização de novas pesquisas, com enfoque nas práticas pedagógicas, no

desenvolvimento socioemocional dos estudantes e na construção de relações igualitárias de gênero no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. - São Paulo: Editora UNESP, 1998. - (Prismas) Bibliografia.

BANDEIRA, Denise Ruschel; HUTZ, Claudio Simon. **Influências parentais na escolha profissional: uma revisão teórica**. Psico-USF, v. 16, n. 3, p. 333-341, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BONAMIGO, I. G., & Lopes, L. D. (2018). **Professores homens em creches e pré-escolas: um campo de atuação pouco explorado por eles**. Em Aberto, 31(97), 217-232.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 3, n. 2, 2016.

CARRÉ, Josiane Caroline Machado et al. **Professores homens: por uma ressignificação da docência nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2014.

CASTRO, Fernanda Francielle de et al. **O giz cor-de-rosa e as questões de gênero: os desafios de professores frente à feminização do magistério**. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

FARIA, Adriana Horta de. **Trajetórias docentes: memórias de professores homens que atuaram com crianças no interior de Mato Grosso do Sul (1962-2007)**. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018.

FERREIRA, Eduardo Alberto. **A voz do professor do gênero masculino na educação infantil e no ensino fundamental I: um sussurro silenciado por paradigmas**. 2020. 124 f. 2020. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Editora Alínea, 2001.

HYPOLITO, J. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. 2. ed. São Carlos, SP: Editora Óikos, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Del Priore, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 389-399.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira (org) **O corpo educado, pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero**. Teoria e educação. Porto Alegre, n. 6, p. 53-67, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Em Aberto, v. 5, n. 31, 2013.

LIMA, Maria da Conceição Silva. **Tornar-se professor: um estudo sobre a formação de identidades profissionais de professores do sexo masculino dos anos iniciais, a partir de suas trajetórias**. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. "História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2008.

MARTINS, Lucas Cardoso. **Professores homens nos anos iniciais do ensino fundamental: os processos de constituição das identidades docentes a partir de narrativas**. 2017. Dissertação de Mestrado.

MENEZES, Cíntia De Paula Borges. Professores homens na educação infantil: masculinidades, docência e desconstrução de lugares fixos. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 20, p. 74-90, 2022.

MONTEIRO, Mariana Kubilius. **Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil**. 2014. 134 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1622670>. Acesso em: 28 fev. 2023.

NÓVOA, A. (2000). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote.

NÓVOA, A. (2009). Formação de professores e profissão docente. In A. Nóvoa (Ed.), **Profissão professor** (pp. 15-34). Porto: Porto Editora.

NONO, Maévi Anabel. **Professores iniciantes: o papel da escola em sua formação**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

PAULO. **Trajetória Docente no Ensino Fundamental**. Brasil. Entrevista concedida a Lucas de Oliveira Souza Mendes. Campo Grande, MS, abr. 2023.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista diálogo educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

ROSEMBERG, Fúlvia. "Mulheres educadas e a educação de mulheres". In: Pinsky, Carla Bassanezi; Pedro, Joana Maria (orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012. Ebook. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Nova-hist%C3%B3ria-das-mulheres-Brasil-ebook/dp/B00TFILB06>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ROSA, Fabio José Paz da. **O dispositivo da sexualidade enquanto enunciador do professor-homem no magistério das séries iniciais e na educação infantil**. 2012. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2012.

SAVIANI, D. (1991). **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Brasileira de Educação, (1), 61-69.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. Florianópolis: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

SILVA, Marciano Antonio da. **“Quando o professor dos anos iniciais é um homem”**: identidade, masculinidades e docência em escolas da rede municipal de Caruaru-PE. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso.

SILVA, R. M., de Souza, D. B., Vita, G. F., & Berenblum, A. S. (2020). O homem pedagogo e o mercado de trabalho: oportunidades e desafios. **Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade**, 7(14), 148-154. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/9323>

SOUZA, D. B., & Berenblum, A. S. (2022). Gênero e atividade docente: as dificuldades de professores homens no trabalho com crianças. **Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade**, 9(20), 195-212. <https://doi.org/10.55028/pdres.v9i20.15266>

SOUZA, R. G. P. de, CAMPOS, K. P. B., & CARVALHO, M. E. P. (2022). Homens na educação infantil: gênero como marcador da condição docente. **Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade**, 9(20), 123-138.

SOUSA, W. W. F. de, Silva Filho, J. G. da, & Costa, F. S. da. (2022). Reflexões do homem na profissão docente: por uma decolonização do corpo masculino. **Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade**, 9(20), 248-262.

VIANNA, C. P. (2001). **O sexo e o gênero da docência**. Cadernos de Pesquisa, 111, 51-73.